

Tecnologia e superação da metafísica em Heidegger

Technology and Overcoming of Metaphysics in Heidegger

Prof. Dr. Rafael Paes Henriques¹

Resumo

A técnica moderna deve ser compreendida, como uma espécie de acabamento, como o ápice do projeto metafísico. Só que nem todo o real cabe na concepção tecnometafísica do mundo e, assim, muitas outras possibilidades de realização da realidade ficam de fora. Por isso a necessidade de se superar a metafísica no sentido de ganhar a sua verdadeira dimensão. Nessa tarefa, é preciso ultrapassar o entendimento de homem e mundo como sendo dois substratos autônomos e independentes; faz-se necessária a compreensão da origem e do encaminhamento que tudo divide, na perspectiva do apoderamento e do controle da realidade, pelo homem. O esforço deve ser o de retirar a significação prévia de tudo o que se realiza, isto é, significa perder *um* mundo – o mundo tecnometafísico – para ganhar *o* mundo. E o que Heidegger aponta como sendo o *pensamento* é justamente uma atividade que põe em funcionamento um modo mais originário e inaugural de relacionamento com a realidade, que se orienta desde a verdade como desencobrimento.

Palavras-chave: Tecnologia; Metafísica; Heidegger.

Abstract

Modern technique should be understood as a kind of consummation, as the summit of the metaphysical project. However, not all the real fits into the technometaphysic understanding of the world, and thus, many other possibilities of realization of reality are left out. Therefore the need to surpass metaphysics in order to gain their true size. In this task, one must go beyond the understanding of man and world as two autonomous and independent substrates. It is necessary to understand the origin and the way that all divides, from the perspective of empowerment and control of reality by man. The effort should be to remove the previous meaning of everything that takes place, that is, means losing a world – the technometaphysic world – to win the world. And what Heidegger points as thought is just an activity that puts in place a more original and inaugural relationship with reality, which is directed from the truth as unveiling.

Key-words: Technology; Metaphysics; Heidegger.

Num horizonte completamente distinto da compreensão tecnocientífica de homem e do modo de realização da realidade, o pensamento de Heidegger realiza um esforço em outra direção: desobjetivar o real para ganhar a sua dimensão fenomenológico-existencial. A ideia é ultrapassar o entendimento metafísico de homem e mundo, que tudo divide, na perspectiva do apoderamento e do controle. Nesse outro encaminhamento, a realidade não é algo dado, pronto ou desde sempre constituído, e o mesmo vale para o homem, que também faz parte da mesma dinâmica de efetivação de tudo o que vem a ser. Se é assim, ele não é dotado de uma natureza

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e professor Adjunto I, do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). **Endereço:** praça Wolghano Netto, nº 160, apt 103, Jardim da Penha, Vitória-ES. CEP: 29060-840. **e-mail:** rafaelpaesh@gmail.com

que seria anterior à existência e que, da mesma forma, subsistiria a ela, mas, ao contrário, seu modo de ser é forjado *desde e na* própria vivência, não se localizando antes, além ou por trás da experiência.

Como consequência dessa outra perspectiva de análise, nem as “coisas” têm como única vocação serem descobertas, em sua essencialidade objetiva, pela representação racional do homem, nem o próprio homem carrega dentro de si alguma substância perene e imutável, alguma natureza íntima passível de ser identificada. Nesse sentido, o homem também não pode ser definido como o agente responsável, isto é, como autor ou causa de tudo aquilo que se presentifica. Em Heidegger, homem não é espírito, nem “eu”, nem razão, nem consciência, nem *res cogitans*; ele é simplesmente um oco, um vazio, uma espécie de “buraco”. Com isso se quer apontar que o homem não tem uma estrutura ou textura de “coisa”, de algo dado, pronto e encerrado, mas é uma aptidão, uma disposição, ou seja, é um modo de ser que é apto a ser tocado, que é capaz de ser tomado por uma possibilidade.

O homem já é sempre no mundo. Mundo não fala de “coisa” ou “das” coisas, mas de um *sentido* – um “páthos” –, o sentido-mundo, que instaura uma situação, uma circunstância, a qual *define* “ser-no-mundo”. Na formulação: “o homem *já* é sempre no mundo” (isto é, num sentido ou numa circunstância definida) o “já” é partícula do desconcerto, da perplexidade, e ela quer dizer: mundo, unidade-totalidade de sentido situação-circunstância, dá-se sempre de modo *tão cedo*, que o homem (qualquer percepção-intuição) chega sempre *tarde* demais para poder surpreendê-lo no seu começo. E mais: o homem só é, só se dá, porque o mundo, que é o lugar ou o horizonte do seu aparecer, a sua “condição de possibilidade”, *sempre já se deu* (FOGEL, 1998b, p. 134).

O homem é a desconcertante estrutura arcaico-originária ser-no-mundo. Desconcertante porque, nesse horizonte de análise, a existência, em qualquer que seja a efetivação, não pode ser prevista, pré-posta, analisada ou compreendida de antemão. Em certo sentido, essa perspectiva é perturbadora, porque nela, o dar-se e realizar-se de vida, de existência, não é o resultado da ação, da vontade ou do arbítrio do homem, pois ele não é primeiro; não é desde o auto-asseguramento de si mesmo, do “eu” ou do sujeito que a realidade se estrutura. Na verdade, o sentido, a origem e o envio do real que se realiza é sempre, e a cada vez, anterior a qualquer que seja a percepção ou intuição do homem.

É isso que se quer dizer quando se afirma que o homem já é sempre num mundo. O que se quer indicar é justamente que, em vez de causa do real, o homem só é aquilo que é, desde um mundo já determinado. Essa é a “condição de possibilidade” para que homem apareça, para que homem se faça homem, isto é, se hominize. Só que mundo aqui não está falando absolutamente de nenhuma objetividade. Não se está querendo simplesmente inverter a metafísica e afirmar

que, ao invés do sujeito, o primado ontológico da realidade são as “coisas nelas mesmas”. Não se está indicando que o homem é o resultado de uma definição e determinação localizada na *res extensa*. Mundo aqui não é substrato de coisas, não é espaço, muito menos extensão. No horizonte heideggeriano, mundo quer dizer um sentido, uma orientação/disposição primordial, uma gênese, uma força de origem, um *páthos*. Mundo não é nada da ordem do subjetivo, objetivo ou inter(trans)subjetivo, mas é um sentido-mundo. Esse sim é responsável pela fundação de uma circunstância, um contexto que, por sua vez, conforma e configura a estrutura ser-no-mundo.

É por isso que a estrutura ser-no-mundo não pode ser compreendida de maneira metafísica, como se de um lado houvesse o homem e de outro o mundo e que a partir desses dois substratos – espécies de continentes autônomos de realidade – o homem fosse dentro do mundo. Não há primeiro o homem e depois o mundo, e nem o seu contrário, primeiro o mundo e depois o homem, fruto e resultado da objetividade já instalada. A estrutura ser-no-mundo também não quer demonstrar que há uma grande confusão, isto é, uma completa indistinção de homem e mundo. O que se quer explicitar é que o que vem primeiro, ou seja, o que é ontologicamente anterior não é nem homem, nem mundo, nem sujeito, nem objeto, mas sim *a relação*. Arcaico-originariamente a relação é primeira, vem antes de homem e antes de mundo. Na verdade, os termos dessa relação é que são derivados da estrutura ser-no-mundo, que sempre já se deu. Os relata, sujeito e objeto são tardios, são epigonais, são o resultado de um sentido, de um *páthos*, de uma perspectiva ou interesse que realiza homem e mundo.

Por isso, a saber, porque se faz e se dá como e desde o súbito ou imediato, tal acontecimento elementar, tal salto se determina desde e como *afeto*. O começo, o fundamento se dá sob a forma de afeto – afeto ou *experiência*. Isto quer dizer, ser na compreensão e na determinação de todo e qualquer aparecer-mostrar-se é ser *sempre já tomado, tocado justo pelo modo de ser disso que assim aparece e se dá*. O que marca o afeto, a experiência é que nele ou nela não se entra, não se é intro-duzido, mas nele ou nela nos vemos subitamente, i-mediatamente caídos, decaídos, jogados. Por isso afetados, tomados e assim determinados, quer dizer, perpassados, performados (FOGEL, 2001, p. 2).

O homem é a estrutura ser-no-mundo que se constitui, enquanto tal, como a referência do Ser, ou seja, é o lugar de efetivação de toda realidade. Sendo assim, em vez de sujeito, o homem é, a cada vez, o ponto onde se localiza a irrupção súbita do que se efetiva numa *presença* (*Dasein*). Ser homem é ser salto, é estar nesse salto desde o qual tudo se realiza. Em outras palavras, pode-se dizer que o homem já é sempre num sentido, uma certa orientação, uma determinada articulação de um mundo, determinada por uma certa *presença*. É exatamente por isso que somente o homem é histórico. Todos os outros entes não fazem parte dessa dimensão de

vida, de existência. Somente ao homem passam-se coisas, ele é também o lugar de todo acontecimento possível. Ele é o ente para o qual acontece a verdade do Ser como *alétheia*.

O homem nunca é homem, aquém do mundo, como um “sujeito”, quer se entenda sujeito como “eu” ou como “nós”. Nem tampouco o homem é primeiro e somente sujeito enquanto se refere sempre a objetos, de sorte que sua Essência esteja na relação sujeito-objeto. Ao contrário, o homem é, em sua Essência, primeiro ec-sistente na abertura do Ser. E é o que se abre na abertura (*das Offene*), que clareia o “meio” (*das “Zwischen”*) no qual pode “ser” uma “relação” (HEIDEGGER, 2009a, p. 79).

O homem é o modo de ser no qual os entes encontram oportunidade e ocasião para serem o que são, sem que com isso se torne o senhor ou a causa desse processo. Essa dinâmica tem seu vigor próprio, seu ritmo e cadência particulares. No dar-se e acontecer de vida, na realização de um destino, em vez de guiar e conduzir a existência ao seu modo, é o homem quem é dirigido e governado pelo que se realiza. Essa orientação é o cerne de tudo, é o miolo, a disposição na qual e desde a qual sempre já estamos inseridos, sendo que o próprio homem, inclusive, também é um resultado desse modo de vigência.

O destino tecnológico é a própria metafísica e, dessa maneira, põe a caminho um desencobrimento marcado pelo esquecimento do Ser, que se tornou o signo mais aparente de nossa relação com os entes e a força a partir da qual se articula a sociedade contemporânea. Dissemos esquecimento do Ser porque essa perspectiva entifica não somente a realidade, na perspectiva do controle, como também o próprio Ser nas formas de subjetividade e objetividade. Sendo assim, nessa vigência, esquece-se não somente que a provocação da tecnologia é apenas uma das possibilidades de desencobrimento, como também que a própria realidade é sempre a efetivação de uma forma de desvelamento que sempre oculta o Ser, isto é, a sua força de realização.

A época da técnica e da Ciência se essencializa numa “época” em que o Ser como Ser é nada, por se destinar tanto na objetividade do ente como na subjetividade do homem. O homem só é homem, quando realiza sua humanidade como “sujeito” da objetividade. A objetividade é tanto mais objetiva quanto mais for controlada e estabelecida em sua objetividade, vale dizer, quanto mais for “subjetividade”. Correlativamente, o ente só é ente quando afirma sua entidade como objeto da subjetividade, isto é, no grau em que se presta ao controle exato da subjetividade. A objetividade é o supremo valor (LEÃO *In*: HEIDEGGER, 2009a, p. 16-17).

Nesse esquecimento metafísico-moderno do destinar-se do Ser, o homem é completamente deslocado de si mesmo. De lugar de realização e efetivação de realidade, ele passa a se compreender como causa de tudo que se efetiva. A tecnologia, como composição, é nosso ser-no-mundo, nossa atual situação, contexto e circunstância; é a realidade do real pela

qual somos tomados, isto é, somos situados na técnica moderna e somos tomados pelo que é determinado pela orientação tecnocientífica. Isso é o que recebemos como legado; é o que sempre já está posto, dado e determinado como certo e seguro. É nesse sentido que todo ser-no-mundo é uma herança. É a transmissão de um destino, que se constitui e se caracteriza como sendo sempre, e a cada vez, um *envio de* (origem) e um *envio para* (encaminhamento). E essa dinâmica de realização de vida, como, a cada vez, uma presentificação e efetivação da existência é a própria história. Ser-no-mundo é sempre receber o legado de um certo modo de ser, de um certo encaminhamento, uma disposição, perspectiva ou interesse, isto é, de um sentido-mundo orientador.

Só que toda herança é, ao mesmo tempo, servidão, mas também liberdade. Com isso queremos afastar as conotações fatalistas e deterministas que as expressões destino, herança ou transmissão de um envio *de* e *para* erroneamente podem conter. Não se quer indicar que ser-no-mundo é apenas seguir e levar adiante um modo de presentificação e uma determinação dos entes que já está pronta e acabada ou que é dada como certa e correta. Em certa medida, a herança é servidão, porque representa o que é dado, está posto e é imposto na entificação; é o que está aí para todo mundo ver. Ser-no-mundo é estar inserido imediata e subitamente no mundo do que é habitual, isto é, se trata de estar imerso nos usos, costumes e significações cotidianas e coletivas mais consagradas, ou seja, já cristalizadas na força da tradição. A servidão da herança reside justamente no abuso desses valores, na inércia da repetição macaqueada da cultura vigente, do que é o já esperado, do fazer tal e qual “todo mundo faz”.

Entretanto, por outro lado, o que nos é transmitido é também liberdade, porque é somente desde a herança, é apenas a partir daquilo que nos é legado, que se pode vir a ser realmente livre. Como vimos, o homem não é e nem pode ser anterior a experiência de já estar jogado e imerso na estrutura ser-no-mundo. E, sendo essa estrutura, o homem recebe sempre, e a cada vez, o legado de um destino, um certo encaminhamento. É dessa maneira que a liberdade não tem nada a ver com uma escolha do homem, que desde a sua consciência pode optar pelo que quer que seja, pelo que “der na telha”. Liberdade não é o mesmo que a possibilidade do homem exercer a sua vontade, arbítrio ou caprichos como *lhe convier e vier à cabeça*. Se o homem está sempre e originariamente em uma situação, circunstância e contexto, não existe a ocasião ou oportunidade para, desde o nada, isto é, como numa página em branco, o homem escrever livremente a sua história, ou o que dá no mesmo, a História.

A essência da liberdade não pertence *originariamente* à vontade e nem tampouco se reduz à causalidade do querer humano. [...] A liberdade do livre não está na licença do arbitrário nem na submissão a simples leis. A liberdade é

o que aclarando encobre e cobre, em cuja clareira tremula o véu que vela o vigor de toda verdade e faz aparecer o véu como o véu que vela. A liberdade é o reino do destino que põe o desencobrimento em seu próprio caminho (HEIDEGGER, 2010a, p. 28).

A liberdade tem a ver, então, com o acontecer da realidade como desencobrimento. Ela dirige a abertura de onde surge qualquer que seja a efetivação dos entes; é uma clareira responsável pelo mistério que, se encobre em todo desencobrimento possível, mas que, ao mesmo tempo, desvela tudo o que é. A liberdade é o ainda não presentificado em uma possibilidade particular, o aberto desde o qual e com o qual o desencobrimento se realiza e o véu para o qual retorna. É por isso que Heidegger afirma que: “Todo desencobrimento provém do que é livre, dirige-se ao que é livre e conduz ao que é livre” (HEIDEGGER, 2010a, p. 28). A liberdade reside no âmbito da verdade como desencobrimento e é a condição desse movimento.

Além de condição, a liberdade é a dinâmica que conduz e interpela o desencobrimento em um caminho particular. Sendo assim, a herança, isto é, o que fica e é transmitido por meio da estrutura ser-no-mundo, ao mesmo tempo em que é nossa “camisa de força”, é também a possibilidade de nossa liberdade. Isso porque em todo destino e encaminhamento reside sempre um convite, uma espécie de chamado para que se conquiste a *força* que a herança instaura. A herança nos lega o que está pronto e efetivado em uma determinação, mas é também a liberdade, à medida que sempre pode proporcionar o acesso à uma outra dimensão da existência, a saber, a sua gênese, seu movimento de origem, seu modo de ser e de fazer história, isto é, o *envio* de um destino no qual estamos sempre lançados. Quando isso acontece, se pode enxergar e entrar no *movimento gerador* de existência. E é desde o que está feito, que está efetivado de uma determinada maneira e que nos foi legado, que se pode herdar também a *força*, o *vigor de realização* do que se presentifica.

É por isso que Heidegger afirma, em diversas de suas obras, que até mesmo na era da técnica, até mesmo desde a provocação tecnocientífica que sempre pré-põe a natureza como disponibilidade, é possível, de repente, como que num salto, sermos “tomados por um apelo de libertação” (HEIDEGGER, 2010a, p. 28). No perigo reside também o que salva, porque toda e qualquer perspectiva, mesmo a mais objetivadora do real, é capaz de revelar tudo, dá condições de se enxergar a origem, a gênese de todo acontecer, todo suceder de vida. Isso quer dizer que, é próprio do homem, como referência do Ser e local de realização de toda a realidade, perceber e entrever o que, apesar de sempre se encobrir, a cada vez fica indicado e de alguma maneira sinalizado: o próprio desencobrimento, a realidade como movimento, isto é, dinâmica de retomada e auto-diferenciação do mesmo.

Isso quer dizer que toda técnica, toda função técnica, está adscrita e circunscrita a um projeto de ser do homem, o qual lhe dá tanto a viabilidade no processo de sua realização, quanto a compreensão ou a inteligibilidade do seu modo de ser, evidenciando assim suas possibilidades e limites. Desse modo, nenhuma técnica é um absoluto em si, mas um co-medimento, que é co-pertencimento (FOGEL, 1998a, p. 127).

A técnica também é um destino do Ser, e não poderia deixar de sê-lo. Está certo que, nesse encaminhamento particular, existe a tendência, não somente de determinar a verdade como adequação e conformação da proposição do sujeito ao objeto, o que pode encobrir, ou ao menos dificultar, a possibilidade de uma outra forma de desencobrimento de mundo; como também pode-se dizer que, nesse envio, há uma inclinação para encobrir o próprio desencobrimento, uma vez que a tecnociência localiza a gênese e a origem de todo o real possível na representação objetivante. Mas mesmo assim, a tecnologia é e sempre será apenas uma forma possível de desencobrimento dos entes, cuja análise do seu modo de ser próprio pode esclarecer e evidenciar perfeitamente sua dimensão e seus limites.

Entretanto para que isso efetivamente se realize é preciso, antes, dar um passo atrás. Numa atitude completamente contrária ao modo de ser tecnocientífico, que quer sempre ir para frente, avolumando e agigantando a vontade, é preciso e urgente que se queira menos, ou melhor, que se queira de uma outra maneira. Querer menos, aqui, não quer dizer desejar ficar aquém da experiência, mas ver, enxergar e reconhecer o seu limite. Também não é ultrapassar, ir além daquilo que se realiza no sentido de atropelar tudo com a vontade de controle e apoderamento, isso é, justamente, querer demais. É preciso querer menos, querendo melhor: querendo o limite. Quem vai até aonde se pode ir e conhece o limite, conhece e experiencia a totalidade; conhece tudo o que havia para ser conhecido, vê fronteira, visualiza a borda, que é exatamente onde se define e se determina, ou seja, se decide realidade.

Tecnologia e metafísica dizem o mesmo. Com isso não se quer afirmar que esses dois modos de existência são exatamente a mesma coisa, mas que, essencialmente, têm a mesma origem, são fruto do mesmo encaminhamento. No destino da era da técnica, o modo de desencobrimento toma o Ser como ente, já que não o pensa em sua *Essência* desveladora. Por isso, com a expressão “esquecimento do Ser”, Heidegger não quer apontar simplesmente para uma falta de lembrança eventual, mas para uma omissão constitutiva. É que a metafísica não pensa, não se ocupa do próprio Ser, porque fundamentalmente o considera como algo evidente por si mesmo. No desenvolvimento da história da filosofia, pelo caminho da pergunta pelo ente, aquilo que perdura, que permanece e que permite com que todas as “coisas” sejam, foi identificado como sendo a *objetividade*. Por isso, desde o envio tecnometafísico, o irromper e

florescer do que se descobre é negligenciado em favor do ente. A estratégia permitiu que o homem, antes mesmo de conhecer, já se assegurasse de que a sua representação dará conta de determinar o fundamento último de todas as coisas.

Em que medida isso surge da metafísica moderna? À medida que se pensa a entidade dos entes enquanto a vigência *para* a re-representação asseguradora. Entidade é agora objetividade. A questão da objetividade, da possibilidade de oposição (a saber, do re-presentar que assegura e calcula) é a questão da possibilidade de conhecer (HEIDEGGER, 2010b, p. 64).

Determinar o fundamento último de todas as coisas, por meio do que se presentifica objetivamente *para* a representação asseguradora do homem, significa ter em mãos o fiel da balança da verdade. Na metafísica, é o homem quem diz o que é a verdade associando-a ao que é certo e seguro. É ele quem tem o poder de delimitar e separar o que existe do que simplesmente não há. É nesse sentido que a tecnociência não é nada de novo, mas é uma modulação de um mesmo envio: na atualidade, ela não somente decide o que é a realidade e qual é o seu modo de organização e funcionamento, como também é capaz e tem o direito de mover esforços para melhorar e substituir o mundo em que vivemos.

A técnica moderna, que hoje é tecnologia, pode, assim, ser compreendida, como uma espécie de acabamento, como o ápice do projeto metafísico. “Fim é, como acabamento, a concentração nas possibilidades supremas” (HEIDEGGER, 2009b, p. 67). E “O acabamento *dura* mais do que a história da metafísica transcorrida até aqui” (HEIDEGGER, 2010b, p. 61). O fim é, desse modo, não uma espécie de não-mais-ser, mas justamente o contrário: tecnologia é o fim porque é a hora e o lugar que reúne o todo da história da metafísica, em sua extrema possibilidade.

A era da metafísica acabada encontra-se em seu início. Apenas para assegurar a si mesma, de modo contínuo e incondicional, a vontade de querer obriga para si mesma o cálculo e a institucionalização de tudo como formas fundamentais de manifestação. Pode-se chamar, numa única palavra, de “técnica” a forma fundamental de manifestação em que a vontade de querer se institucionaliza e calcula no mundo não-histórico da metafísica acabada (HEIDEGGER, 2010b, p. 68).

A inclinação para a tecnologia, como acabamento da metafísica, é a operatividade da vontade de querer, isto é, da subjetividade moderna. Vontade de querer é o auto-asseguramento de si mesmo para, a partir dessa certeza, poder determinar de maneira definitiva toda a realidade, como objetividade, isto é, como aquilo que é sempre o mesmo e que se opõe ao homem. É um desejo que se baliza e se pauta pelo modo moderno de compreensão e organização de homem e do mundo a partir de substâncias plenamente apreensíveis e determináveis. É por isso que no

trecho acima, Heidegger afirma que a vontade de querer “calcula no mundo não-histórico da metafísica acabada”. Se a “essência” do mundo são as substâncias, ele é desde sempre o mesmo, já que pré-existe e subsiste a qualquer que seja o contexto e situação; assim, não faz parte da história, não se efetiva, a cada vez, na dinâmica do suceder-se e acontecer históricos, mas é algo desde sempre dado. É nesse horizonte que a técnica transforma a realidade em conjunto de “coisas disponíveis”.

A orientação tecnocientífica segue esse modo de funcionamento, no qual a verdade é a correspondência do juízo do sujeito à coisa, e seu lugar de verificação é a proposição. O Ser é esquecido, abandonado em favor justamente da possibilidade de asseguramento e apoderamento da natureza. Toda e qualquer experiência de Essência, de gênese ou de origem não tem mais a menor importância ou mesmo validade quando o parâmetro, que entra definitivamente no destino do Ser, é a previsão e pré-determinação humana do que se realiza. Verdade aqui passa a ser simplesmente um caminho para controle e domínio de real.

A falta da indigência consiste justamente em achar que se tem na garra o real e a realidade, e que se sabe o que é o verdadeiro, sem que se necessite saber onde vigora a *essência* da verdade (HEIDEGGER, 2010b, p. 79).

Falta de indigência aqui quer apontar justamente para soberba, quer indicar um modo de ser que se acha no direito de querer mais do que vida pode ser. A metafísica e a tecnologia querem o que não têm o direito de querer, visto que a natureza do homem é finitude, contenção e limite, isto é, homem constitui-se como um ser que é e que precisa assumir sua indigência. Isso porque o homem não é previamente e antecipadamente nada. Nem razão, nem emoção, não é corpo, nem espírito, não é consciência nem sensibilidade. Antes e além da experiência, de uma existência fática, o homem não é absolutamente nada. É por isso que Heidegger afirma que a Essência do ser humano é sua ec-sistência. Isso quer dizer que o que é o mais profundo, o mais fundamental e indispensável da natureza humana é aquilo que reside mais fora, o mais externo e superficial: a textura e as vicissitudes de uma vida, uma atividade, um por se fazer. Nesse sentido, nada está garantido por antecipação. A morada do ser humano, aquilo que ele tem de mais próprio, é apenas uma forma, a possibilidade de vir a ser tomado e tocado por um interesse, por um verbo que realiza a existência; homem é tão-somente a possibilidade para qualquer que seja a possibilidade realizável.

É desse modo que não é o corredor, por exemplo, que, como corredor, realiza a ação de correr, porque é primeiramente e antes da experiência um atleta. Ser atleta, corredor, não é algo do já previamente conquistado. *O corredor só é corredor à medida e a proporção que corre.* E

isso vale para qualquer outra possibilidade da existência. Homem se hominiza, vem a ser aquilo que ele é, quer dizer, a possibilidade que ele é, desde que realize-se numa atividade possível. O carteiro somente é carteiro na medida que entrega cartas. O escritor se faz escritor em escrevendo. São as obras, os romances publicados que fazem o escritor, ou seja, não é ele que faz a obra, mas justamente o contrário, é a obra, em se fazendo obra, que o faz, que o efetiva numa possibilidade: escritor.

Dessa maneira, para Heidegger, não há nada mais próprio no homem do que a necessidade de precisar fazer-se. O homem é o ente que não é absolutamente nada, e que, por isso mesmo, precisa vir a ser. Como é um poder-ser por fazer, o homem deve pôr-se em ação, em uma lida própria. Só que ao invés de celebrar e acolher essa condição, na atualidade, a tecnologia se apresenta como uma decisão do homem que traz a oportunidade e ocasião de preencher a falta, carência e deficiência que ele é. No destino tecnometafísico, em vez de lugar de realização de real, locanda e referência do Ser, homem é sujeito cuja substância pré-existe e sub-siste à experiência. Essa última, por sua vez, é simplesmente o resultado de um efeito produzido por ele.

A disposição desde a vontade de vontade, ou vontade rebelada, quer mais do que vida pode dar, porque acredita que vida é menos do que *deveria* ser. É o querer que em vez de querer e aquiescer com o possível, mira no impossível, no irrealizável, sonhando com a perpetuação do sétimo dia sobre a Terra – quando não mais se precisará realizar qualquer tipo de esforço –, e acordando com uma eterna insatisfação, insuficiência e ansiedade. O homem, o ente que é por natureza atividade, esforço, quer ser dispensado da lida, quer o que não pode querer: quer ser dispensado de ser homem, quer manipular e alterar aquilo que é sua própria condição.

Nesse encaminhamento, o homem somente age no intuito de não precisar mais agir. Nenhuma ação tem a leveza da gratuidade e do sem porquê nem para quê, pois passa a ser sempre apenas um meio para se atingir um determinado fim. Nesse sentido, a ação da tecnologia desde a subjetividade da provocação coloca a meta da ação sempre para fora disso que é feito e como é feito. Não pode haver nenhuma entrega ao se fazer, mas toda realização do real deve obedecer às necessidades que se encontram em uma dimensão distinta do próprio fazer. Essa dimensão é a vontade de produzir um efeito pré-determinado, isto é, a meta da ação está em querer o impossível.

A terra, porém, permanece abrigada na lei inaparente de seu possível. A vontade impinge o impossível como meta do possível. O apoderamento que instaura essa exigência e a mantém em vigor provém da essência da técnica, palavra aqui idêntica ao conceito da metafísica em sua superação. A uniformidade incondicionada de todos os povos da terra sob a dominação da vontade de querer evidencia a insensatez da ação humana colocada como absoluto

(HEIDEGGER, 2010b, p. 86).

No vigor da técnica moderna, um novo absoluto paira sobre a Terra. Desde o que foi pré-concebido pela vontade de querer, a ação humana transformou-se em algo incondicionado, isto é, apresenta-se como a força capaz de, qualquer que seja a situação e o contexto, ser a fonte absoluta, a verdadeira origem para a efetivação de tudo aquilo que se presentifica. No acabamento da metafísica, o esquecimento do Ser atinge seu grau máximo e, assim, a ação, orientada pela vontade humana de infinito, substitui o mistério do imponderável como causa de toda presentificação. A ação humana, como absoluto, é compreendida como atividade capaz de levar a cabo o projeto de realizar o irrealizável: cumprir com todos os desígnios e estultícias da vontade de querer.

Essa vontade quer exatamente o que não é possível. O problema, e a limitação desse projeto, é que vida é um jogo (uma dinâmica) no qual sempre vai haver alguma dimensão de insegurança ou incerteza, e em que não há sucesso e conquista definitivos. Nem todo o real cabe na concepção tecnometafísica do mundo e, assim, muitas outras possibilidades de realização da realidade ficam de fora. O jeito, então, é lidar com o mundo da forma que ele é. É claro que se homem é esforço, a ação da tecnologia não dá conta de cumprir com o que a metafísica um dia pretendeu: controlar e corrigir o real. Só que em vez de reconhecer o erro, naquilo que fundamenta essa vontade, o homem acredita que não há nenhuma falha de projeto, mas apenas alguns erros de execução que podem, e precisam, ser ajustados. Por isso, quer cada vez mais tecnologia, na esperança de que um dia seu esforço seja reduzido a zero.

A lei inaparente da terra a resguarda na suficiência sóbria do nascer e perecer de todas as coisas, no círculo comedido do possível a que tudo segue e ninguém conhece. A bétula nunca ultrapassa o seu possível. As abelhas moram no seu possível. Só a vontade que, a toda parte, se instala na técnica, esgota a terra até a exaustão, o abuso e a mutação do artificial. A técnica obriga a terra a romper o círculo maduro de sua possibilidade para chegar ao que já não é nem possível e, portanto, nem mesmo impossível. As pretensões e os dispositivos técnicos possibilitaram o êxito de muitas descobertas e inovações. Mas isso não prova, de modo algum, que as conquistas da técnica tenha tornado possível até mesmo o impossível (HEIDEGGER, 2010b, p. 85).

É por isso que anteriormente dissemos que é preciso e urgente que se queira de uma outra maneira, desde uma outra vontade. Querer fora da vontade de querer – que quer a qualquer custo o impossível –, não significa querer de menos. É preciso acolher e querer o limite. Reconhecer limite é reconhecer que a vontade de querer é descabida e atua em total descompasso com o modo de realização de realidade. Quem reconhece o limite passa a querer o possível. O que está aqui sendo tratado por possível ao homem não é e nem deve ser encarado como algo do

âmbito da contingência ou da ordem da eventualidade. Isso quer dizer que não se trata de uma questão de poder, ou não, ser. O possível não é da esfera da escolha do ser humano, e sim da necessidade e urgência, do que é inadiável e essencial. Aquilo que “pode” ser deve ser tomado e assumido pela vontade como algo da dimensão do que é *absolutamente necessário*.

Em se cumprindo esse outro querer, executa-se o primeiro e decisivo passo para o caminho da superação da metafísica. Em pouquíssimas palavras, superar a metafísica é, sobretudo, *reconhecê-la como tal*. É desnaturalizar o que não tem nada de óbvio; é visualizar o esquema da linearidade causa-efeito retirando sua carga e conotação de algo evidente por si mesmo.

A metafísica não se desfaz como se desfaz uma opinião. Não se pode deixá-la para trás como se faz com uma doutrina em que não mais se acredita ou defende. [...] Sendo assim, não devemos imaginar, com base num pressentimento qualquer, que podemos ficar fora da metafísica. Depois da superação, a metafísica não desaparece. Retorna transformada e permanece no poder como a diferença ainda vigente entre ser e ente. Crepúsculo da verdade dos entes diz: a abertura manifestativa dos entes e *somente* deles perde a exclusividade de sua reivindicação determinante (HEIDEGGER, 2010b, p. 61-62).

O que Heidegger quer apontar é que superar a metafísica não é negar a sua existência. Não dá para fingir que ela nunca existiu ou que ela pode deixar de existir, de um dia para o outro, desde que assim o homem o queira. Afinal, são mais de dois mil e quinhentos anos de história, que criaram um destino, um encaminhamento baseado no esquecimento do Ser e na determinação última do ente. A metafísica forjou uma certa verdade do Ser igualando-a a mesmidade da objetividade. Essa compreensão não será esquecida como se fosse apenas fruto da opinião de certos homens ou como se a sua superação estivesse no âmbito do arbítrio de algumas pessoas. E mais que isso: depois de superar a metafísica ainda nos movimentaremos dentro dela. Isso quer dizer que estamos e, mesmo depois de superá-la, estaremos dentro do destino tecnometafísico pois ele não vai simplesmente “sumir do mapa”.

A grande e radical transformação reside no fato de que, no impulso de superação da metafísica, se torna viável a lembrança do esquecimento do Ser. Quando se conquista a compreensão da diferença ontológica, isto é, de que o Ser não pode ser igualado ao ente, a *composição* [*Gestell*] provocadora de natureza perde a sua exclusividade na determinação do real, apesar de continuar trabalhando e operando desde o que é correto. Isso significa que ciência e tecnologia continuam produzindo as suas sentenças e interpretações do modo de funcionamento de vida. Se superada, a metafísica perde “apenas” o monopólio da determinação da verdade de todos os entes, mas ao mesmo tempo, continua com o poder de produzir realidade

desde a diferença entre Ser e ente.

Com isso se quer dizer que não é porque se pode conquistar a medida da determinação técnica do mundo, isto é, se pode visualizar que nem toda a realidade cabe nessa forma de descobrimento, que ela vai deixar de existir para dar lugar a uma preocupação exclusiva com o Ser. Superar a metafísica não é negar a entificação promovida por ela para voltar-se apenas para a força de realização do real. Ocupar-se somente com o Ser seria simplesmente inverter a orientação metafísica. E metafísica invertida continua sendo metafísica, e não a superação dela. Por isso, além de não ser de nenhum proveito, um movimento simplesmente contrário ao envio metafísico permanece pertencendo a ela. É por isso que é preciso explicitar melhor o que superar a metafísica significa: para se evitar qualquer tipo de mal-entendido.

A superação da metafísica é pensada na dimensão da história do ser. Ela renuncia a sustentação originária do esquecimento do ser. Mais antigo embora também mais escondido do que o prenúncio é o que nele se anuncia. Trata-se do acontecimento do próprio. O que, do modo de pensar da metafísica, aparece como prenúncio de uma outra coisa, chega e toca como o brilho derradeiro de uma clareira mais originária. A superação permanece digna de ser pensada somente enquanto se pensa a sustentação. Esse pensamento insistente ainda pensa a superação. Tal pensamento faz a experiência do acontecimento singular da des-apropriação dos entes, em que se iluminam a indigência da verdade do ser e a originariedade da verdade, e também transluz com desprendimento o vigor essencial do humano. A superação é a trans-missão da metafísica em sua verdade (HEIDEGGER, 2010b, p. 68).

A superação da metafísica, então, não tem nada a ver com a retirada de uma disciplina dos currículos dos cursos de filosofia. Ao contrário, superar a metafísica quer dizer estudá-la e conhecê-la a fundo, significa voltar-se para a metafísica com o intuito de tentar compreender de onde vem esse acontecimento apropriador em que o Ser se sustenta como objetividade; quer dizer tentar desconstruí-lo na tentativa de compreender o que ele pretende cumprir. Nesse esforço, a superação da metafísica passa, necessariamente, pelo pensamento do sentido da história do Ser. É desde essa história que se pode ganhar a real dimensão que esse envio faz parte do destinar-se do Ser, isto é, que a metafísica é uma figura, uma forma da verdade do Ser, cristalizada em anos de tradição e que precisa ser posta em crise, pois não representa a determinação “natural” da realidade.

O pensamento do sentido da metafísica pode promover a experiência de desnaturalização do modo habitual de entificação do real permitindo que o homem reconheça o brilho da clareira originária, vigente numa outra dimensão da existência. Desse modo, a superação da metafísica não é a negação dessa forma de descobrimento, não significa que nunca mais se vai “perder tempo” com ela ou que o pensamento deve deixar de se ocupar de

metafísica. Ao contrário, a superação passa pela transmissão da metafísica em sua verdade, isto é, como e na forma de um desencobrimento particular; é o reconhecimento e a promoção/vulgarização de metafísica como um dar-se e acontecer que se apropria, de maneira velada e decisiva, do esquecimento do Ser.

O pensamento supera a metafísica, enquanto, re-gressando, desce a proximidade do próximo. Descer, principalmente, quando o homem se perdeu nas alturas da subjetividade, é mais difícil e perigoso do que alçar-se. A descida leva à pobreza da ec-sistência do *homo humanus*. Na ec-sistência abandona-se o âmbito do *homo animalis* da metafísica. O império e domínio desse âmbito é o fundamento mediato e profundo (*weitzurii*) da obliteração e da arbitrariedade do que se designa como biologismo, mas também do que se conhece pelo título pragmatismo (HEIDEGGER, 2009a, p. 82).

É claro que não é fácil sair dessa estrutura na qual o homem se encarcerou. Livrar-se da camisa de força da subjetividade significa abrir mão do conforto e segurança habituais, e quer dizer lançar-se numa outra perspectiva, projetar-se em uma outra direção. Tudo isso implica em riscos, e para que se realize, precisa ser uma total entrega a condição humana, a ec-sistência. Para realmente descer a proximidade do próximo é preciso renunciar ao biologismo, no qual o homem é animal racional e ao pragmatismo, em que verdadeiro é tudo aquilo que funciona e serve para alguma coisa, e somente pode ser viável se for resultado de uma de-cisão.

Decidir é uma ação que realiza sempre uma cisão, ou seja, é, de alguma forma, uma atividade que desune e separa. Trata-se de uma distinção que resulta na saída da situação confortável na qual já se tem tudo consolidado, certo e seguro; de onde se tem clareza e distinção de tudo aquilo que é e se realiza. Superar a metafísica é abandonar a garantia do já sabido, do conquistado e conformado desde uma natureza já dominada, onde tudo parece funcionar por si mesmo. Para que essa decisão realize uma outra possibilidade de existência é necessária uma entrega à essa orientação/disposição particular. Na decisão é preciso estar a espera do inesperado, na escuta ao modo próprio de ser das “coisas”. É preciso ater-se numa nova lida com o mundo, adequar-se, pôr-se, oportunamente, na mesma cadência do dar-se, do acontecer de realidade.

Dessa forma, *superar a metafísica não é negá-la, mas conquistar a sua força geradora*. É transportar-se para uma outra dimensão, isto é, um outro estado de tensão vital, um estado de alerta, mais aceso, mais vivo e menos “certo e seguro”. Estar aceso e vivo aqui não tem nada a ver com estar super consciente. Não significa fazer bom uso das faculdades da razão e do entendimento. Aceso e vivo quer dizer estar fora da distração na qual o homem automaticamente pré-compreende e pré-determina toda a realidade desde si mesmo. E a facilidade dessa estrutura calcada na subjetividade é justamente a oportunidade e a ocasião perfeita para a promoção de

uma relação do homem completamente descompassada com o jogo do aparecer e dar-se de vida.

Só que a *decisão não é uma deliberação da vontade*; não é o resultado do arbítrio do homem. A decisão que efetivamente se lança numa outra perspectiva e que realiza uma nova orientação *não é uma escolha, mas uma obediência*. Decidir aqui significa atender um outro chamado; acatar uma convocação distinta. Esse chamado constitui-se como uma espécie de indicação ou sinal do *destino*. Em vez de livre opção, como se fosse a escolha de qual roupa se vai vestir, *decisão é o movimento de liberação*, ou seja, é a libertação de uma outra possibilidade de vida, de um outro poder ser e precisar fazer. Liberação porque esse outro encaminhamento nunca é determinado desde a vontade do homem, mas, antes, trata-se de uma destinação possível do próprio Ser. É como se o homem simplesmente despertasse, nascesse para um outro destino, acordasse para uma nova possibilidade que, por sua vez, já se encontrava na história do Ser.

A superação da metafísica é esse despertar, o nascimento do homem para um outro destino do Ser. É a lembrança do esquecimento e o atendimento a um outro chamado; é a obediência a um outro encaminhamento e destinação. Desse modo, o ultrapassamento da metafísica exige um estado de atenção não em si mesmo, mas na “própria coisa”. Esse esforço não se consuma da noite para o dia, pois a metafísica é um modo de ser que se manifesta em todas as esferas da experiência contemporânea e cuja utilidade é inquestionável.

O acabamento da metafísica, que constitui o fundamento do modo planetário de pensar, fornece a armação para uma ordem da terra, provavelmente bastante duradoura. Esta ordem já não mais precisa da filosofia porque de há muito a ela já sucumbiu. Com o fim da filosofia, porém, o pensamento não está no fim, mas na ultrapassagem para um outro começo (HEIDEGGER, 2010b, p. 72).

Fim da filosofia aqui está justamente indicando o fim da metafísica, isto é, a conquista da força de realização do modo de desencobrimento dos entes que, na representação do homem, pré-põe o real na perspectiva do apoderamento e do controle. Depois da filosofia, há de se abrir a possibilidade de um outro fundamento. É que o reconhecimento de que a existência é uma dinâmica, um movimento no qual tudo aparece e se mostra desde uma abertura do Ser. Está aqui em jogo o livre espaço, a clareira na qual tudo o que é vem a ser. Essa clareira é o aberto; é o mistério que, apesar de se encobrir em todo desencobrimento possível, é ao mesmo tempo, responsável por tudo aquilo que se desvela, por tudo o que é. Sem a filosofia, a tarefa do pensamento é justamente reconhecer essa clareira do Ser.

Impõem-se ao pensamento a tarefa de atentar para a questão que aqui é designada como clareira. Ao fazer isto, não se extraem – como facilmente poderia parecer a um observador superficial – simples representações de puras palavras, p. ex., “clareira”. Trata-se muito antes de atentar para a singularidade da questão que é nomeada, de maneira adequada a realidade, com o nome de

“clareira”. O que a palavra designa no contexto agora pensado, a livre dimensão do aberto, é, para usarmos uma palavra de Goethe, um “fenômeno originário”. Melhor diríamos: uma questão originária (HEIDEGGER, 2009b, p. 76).

Clareira é, então, um termo que deve ser compreendido em sua Essência, isto é, não representa uma simples palavra, mas aponta para a livre dimensão do aberto. A clareira do Ser é a questão originária, é a pergunta pelo que é mais arcaico e fundamental na existência. Depois de superar a metafísica, a filosofia – que desde Platão foi metafísica – pode se transformar em pensamento. Nessa outra disposição ou modo de ser, o esforço de investigação se ocupa radicalmente de realidade, e, exatamente por isso, também deve se voltar para a gênese de todas as “coisas”. Isso significa que o pensamento deve se perguntar, não somente pelos entes e seu modo de funcionamento, como também pela origem de tudo aquilo que se realiza, isto é, precisa se debruçar sobre a força em que vigora tudo aquilo que vive e perdura. O esforço deve ser o de retirar a significação prévia de tudo o que se realiza, é perder *um* mundo – o mundo tecnometafísico – para ganhar *o* mundo.

O pensamento é uma atividade que põe em funcionamento um modo mais originário e inaugural de relacionamento com mundo, que se orienta desde a verdade como desencobrimento (*alétheia*). Isso significa que a verdade aqui nada tem a ver com conformação/correspondência. Não se trata de adequação da proposição do sujeito ao objeto. A *alétheia* não carrega nenhuma conotação desse tipo de verdade metafísica:

Na medida em que se compreende verdade no sentido “natural” da tradição como concordância, posta à luz ao nível do ente, do conhecimento com o ente; mas também, na medida em que a verdade é interpretada a partir do ser como a certeza do saber a respeito do ser, a *alétheia*, o desvelamento como clareira, não pode ser identificada à verdade. Pois a verdade mesma, assim como ser e pensar, somente pode ser o que é, no elemento da clareira. Evidência, certeza de qualquer grau, qualquer espécie de verificação *veritas*, movem-se já *com* esta no âmbito da clareira que impera (HEIDEGGER, 2009b, p. 80).

Pois se a tarefa do pensamento é pensar o sentido de tudo que se realiza, é preciso se voltar para o âmbito da clareira que impera e que conduz desencobrimento. Nessa orientação, não se pode ter pressa, pois é preciso vagar. Demorar-se na dimensão do aberto, na tentativa de visualizar nascimento. Com o fim do monopólio metafísico da determinação do mundo como disponibilidade, o pensamento precisa expor-se ao que se presentifica, precisa atender ao chamado de um outro destino do Ser, deve obedecer a um outro envio no qual se torna possível perceber a origem *como origem*. Nessa outra experiência, se tem a dimensão de que é a clareira que realiza o que se descobre.

Nossa atenção volta-se agora para outra coisa. Quer seja experimentado aquilo

que se apresenta, quer seja compreendido e exposto, ou não, sempre a presença, como o demorar-se dentro da dimensão do aberto, permanece dependente da clareira já imperante. Mesmo o que se ausenta não pode ser como tal, a não ser que se desdobre na livre dimensão da clareira (HEIDEGGER, 2009b, p. 78).

Nessa disposição, se entra na dinâmica, se experiencia uma outra possibilidade de real. O que interessa continua sendo o ser das “coisas”, isto é, ainda se quer saber/compreender o que é a realidade, mas desde parâmetros que não residem na vontade de vontade. O mundo não é uma propriedade, não é o latifúndio do homem. Nesse sentido, pensamento não significa seguir o que é determinado pela lógica, mas é pôr-se uma dimensão da “coisa”: é, assim, experimentar o mistério da transcendência.

Referências

FOGEL, Gilvan. Uma coisa nela mesma e desde ela mesma. *In*: FREICHEIRAS, Marta Luzie de O.; RICARDO, Sergio (org.). **Linguagem e filosofia**. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2001.

_____. Do ‘coração-máquina’ – Ensaio de aproximação à questão da tecnologia. *In*: **Da solidão perfeita**: escritos de filosofia. Petrópolis: Vozes, 1998a., p. 91 - 130.

_____. Martin Heidegger, *et coetera* e a questão da técnica. *In*: **Da solidão perfeita**: escritos de filosofia. Petrópolis: Vozes, 1998b., p. 131 – 170.

HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. *In*: **Ensaio e conferências**. 6. ed. Trad. de Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, p. 11-38, 2010a.

_____. A superação da metafísica. *In*: **Ensaio e conferências**. 6. ed. Trad. de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, p. 61-86, 2010b.

_____. **Sobre o humanismo**. 3. ed. Trad. de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2009a.

_____. O fim da filosofia e a tarefa do pensamento. *In*: **Sobre a questão do pensamento**. Trad. de Ernildo Stein. Petrópolis: Vozes, 2009b.